



Fidelidade e perseverança: Desafios ao sentido da Vida Consagrada

José Rodríguez Carballo, Arcebispo secretário da CIVCSVA

Foi-me confiado o tema «Fidelidade e perseverança: desafios ao sentido da Vida Consagrada». Há já algum tempo que se fala de crise na e da Vida Religiosa e Consagrada. E para justificar este diagnóstico, recorre-se frequentemente ao número de abandonos. Que agudiza *per se* a já alarmante diminuição de vocações que atinge um grande número de institutos e, se continuar assim, coloca em sério risco a sobrevivência de alguns (alguns destes, não a Vida Consagrada!). Não entro aqui no debate se a crise de que se fala é positiva ou não e se o número *per se* dos que têm vocações é sintoma de um maior valor carismático ou se os que não as têm é sintoma de infidelidade ao próprio carisma, como muitas vezes se diz. Eu gostaria apenas de vos convidar ao fim disto a uma análise muito serena e detalhada, que tenha em consideração as diversas situações, para não se cair em juízos sumários que, como tal, correm o risco de não responderem à realidade.

As principais causas da «crise» na vida consagrada

- **Abandonos** (na idade juvenil [a distância do pouco tempo], na idade adulta [depois de um longo tempo de formação])
- **Diminuição das vocações**

Todavia, este fenómeno dos abandonos é preocupante. Por outro lado, o facto de a hemorragia dos abandonos continuar e não haver sinais de parar demonstra que nos encontramos diante de uma crise mais ampla e que coloca em questão algumas formas concretas em que a Vida Consagrada viveu. Tendo presente a já afirmada complexidade do fenómeno, pessoalmente recuso-me a considerar normal tantos abandonos, assim como recuso considerar os condicionamentos socioculturais como a única e até a principal causa. Perante este fenómeno, como dizem no meu país, é necessário agarrar o touro pelos cornos e abordar o tema com grande lucidez na análise. E com grande coragem para entrar nas consequências e ter presente tudo aquilo que possa estancar a hemorragia dos abandonos, como a chamou o Papa Francisco, para evitar que a Vida Religiosa Consagrada perca vitalidade e energia.

Fidelidade e perseverança caminham juntas

Duas faces da mesma medalha

- **Fidelidade** (dom de Deus, encontra em Cristo a sua plena manifestação, fruto do Espírito Santo)
- **Perseverança** (resposta fiel no tempo, até ao fim)

Fidelidade perseverante

- Mantêm-se nas provas
- Vêm do amor
- Faz-se acompanhar pela gratuidade

Do título do documento que hoje apresentamos, vê-se claramente que a fidelidade não se pode separar da perseverança. São duas irmãs que caminham de mãos dadas, duas faces da mesma medalha. Deve-se dizer que a fidelidade é um dom de Deus, que encontra em Cristo a sua plena manifestação, e que é fruto do Espírito Santo, enquanto a perseverança é a resposta fiel no tempo, até ao fim, até à visita da irmã morte.

O que nos diz a Sagrada Escritura

Para manter a fidelidade e a perseverança

- Conservar a Palavra escutando-a com um coração íntegro e bom como *Maria*
- Manter o coração e a mente fixos N'Ele como os sarmentos na videira
- A Oração
- Memória e Esperança

Ora, trata-se de uma fidelidade perseverante que, como dizem as Escrituras, se mantém nas provas, vêm do amor e faz-se acompanhar pela gratuidade. A Sagrada Escritura oferece-nos algumas indicações para manter a fidelidade e a perseverança. A primeira: conservar a Palavra, acolhendo-a com um coração íntegro e bom como fez Maria. Segunda: manter o coração e a mente fixos N'Ele como os sarmentos estão unidos à videira. Depois, a Oração. A oração incessante, e não apenas ocasional, como nos pediu o próprio Jesus. Depois a Memória e a Esperança.

Vou deter-me aqui muito brevemente. O Papa Francisco diz-nos, com direi eu com uma expressão muito típica em mim, na ativa e na passiva, um povo que não tem memória não tem presente nem futuro, um instituto que não tenha memória não tem presente nem futuro. Devemos conservar a memória, mas atenção: que esta memória não seja um exercício estéril de arqueologia. Mas o Papa diz-nos que deve ser uma memória deuteronómica, isto é: que atualize aquilo que recordamos; no nosso caso, o nosso carisma. E depois, a Esperança, Esperança. Agrada-me citar a última homilia do Papa Bento XVI, a 2 fevereiro de 2013, pouco antes de renunciar ao papado. «Não escuteis, dizia ele, os profetas da desgraça que gritam por todo a parte e sempre o fim da vida consagrada, mantende a vigilância e a esperança». A esperança, bem sabeis o que digo, não abandona o seu povo como nos recordava hoje, entre outras coisas, a primeira leitura.

Análise da crise

Quatro áreas

1. As motivações quando entram em crise: *carências* (falta, necessidade, gratificação), *crescimento* (meta que motiva: a FÉ).
2. A afetividade quando entra em crise: *relação com o outro sexo* (desassociação ou fuga [por medo da diversidade], agressão), *relação com as autoridades* (submissão cega [relação de dependência], rebelião agressiva [sentimentos de aversão e recusa]).
3. Os conflitos. Quando geram uma crise: *atitude passiva* (corre-se o risco de bloquearmos, estamos sempre numa frustração permanente); *empenho responsável* (maturidade intelectual e afetiva, crescimento da própria personalidade dentro de um projeto de vida)
4. A religiosidade, quando está em crise: *Sigmund Freud* (a religiosidade é: neurose compulsiva primária, um fator externo motivado pela procura [de apoio, de defesa e proteção], atitude egocêntrica, esquizofrênica, utilitarista, narcisística), *Psicologia humanístico-existencial* (a religiosidade é parte da personalidade, uma dinâmica que favorece o crescimento, a maturidade, a saúde mental, a procura do sentido último).

Tentemos entrar na análise da crise. Coloquei quatro áreas: as motivações, a afetividade, os conflitos e a religiosidade. Quando as motivações entram em crise, existem dois tipos de motivação, para ser muito sintético. As motivações de carência e as de crescimento. As de carência respondem à falta, à necessidade e à gratificação. Por sua vez, as de crescimento são motivadas pela fé. Bem sabemos que se as motivações não são animadas pela fé, antes ou depois – eu diria mais antes que depois – faltarão e, por isso, o abandono é quase certo.

Outro campo: a afetividade. E aqui podemos vê-la em relação conosco e em relação também com a autoridade. Em relação conosco, a afetividade pode manifestar-se na desassociação ou fuga, por medo da diversidade; e pode manifestar-se também na agressão e, certamente, de abusos que tão, mas tão mal fazem à sociedade e à Igreja. Em relação com a autoridade, a afetividade pode entrar em crise e manifestar-se na submissão cega. Vede, eu, na minha pobre experiência no Dicastério, estou a notar que isto é um perigo real, em parte porque muitas vezes a autoridade torna-se autoritarismo. Mas atenção à submissão cega, por vezes justificada em nome da obediência; não é esta a obediência evangélica, não é esta a obediência da Vida consagrada. Criando relações de dependência, e isto estamos a ver muito particular no desembocar do plágio, no plágio. Às vezes manifesta-se também na rebelião agressiva e chega a manifestar-se concretamente em atitudes de aversão e recusa seja de que autoridade for. Se a primeira, a submissão cega, nunca se pode justificar, muito menos a segunda se pode a partir da nossa condição de consagrados.

Depois, um terceiro campo são os conflitos. Os conflitos podem enfrentar-se através de uma atitude passiva ou através ou com um empenho responsável. Se não os enfrentamos passivamente arriscamo-nos a bloquear perante os conflitos e a cair numa frustração permanente. Ao passo que se os enfrentarmos com responsabilidade, certamente que os conflitos podem ser também motivo de maturidade intelectual e afetiva, e decerto que ajudarão ao crescimento da própria personalidade em torno de um projeto de vida.

Finalmente, quando a religiosidade está em crise. Segundo Freud, a religiosidade é a neurose compulsiva primária, um fator externo motivado pela procura (de apoio ou de defesa e proteção). A atitude, sempre segundo Freud, é epicêntrica, exibicionista, utilitarista, narcisística. Mas a psicologia humanístico-existencial diz-nos que a religiosidade é uma componente da personalidade, uma dinâmica que favorece o crescimento, a maturidade, a saúde mental, a procura do sentido último da vida. Certamente que aqui surge uma primeira pergunta: será que vivo a religiosidade como a descreve Freud ou vivo-a como descreve a psicologia humanístico-existencial?

Os Dicastérios competentes

- Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica
- Congregação para a Evangelização dos Povos
- Congregação para as Igrejas Orientais
- Congregação para a Doutrina da Fé
- Congregação para o Clero

Estamos a aproximarmo-nos dos números e neste slide podeis ver os Dicastérios que são competentes para os religiosos e, portanto, aqueles que possuem o número dos abandonos. Em primeiro lugar, está a nossa Congregação, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, da qual depende a grande maioria dos consagrados. Depois há a Congregação para a Evangelização dos Povos, da qual dependem os religiosos ou consagrados dos institutos especificamente missionários. Depois vem a Congregação para as Igrejas Orientais, da qual dependem os institutos orientais. Da Congregação para a Doutrina da Fé, pelo menos até agora, depende a Comissão *Ecclesia Dei* que abarca um certo número de institutos de vida consagrada. E, finalmente, o Clero, a Congregação para o Clero, da qual dependem certas dispensas como veremos de seguida.

Os números de saídas

- 2016 → 1927 saídas; 2017 → 1832 saídas; 2018 → 1840 saídas; 2019 → 1763 saídas; 2020 → 1719 saídas (até 30 novembro), 2020 → 1862 saídas (projeção até 31 dezembro).
- *Tipologia de saídas até 30 de novembro de 2020*: demissões *ipso facto* (67), confirmação do Decreto de demissão (206), Incardinação *ad experimentum* (122), Incardinação *pure et simpliciter* (144), Dispensa dos votos (1180).
- *As Nações*: Índia (204), Brasil (169), México (149), Itália (108), Polónia (101), Filipinas (90), Colômbia (78), Espanha (62), Perú (47), USA (44), Argentina (36), República Dominicana (34), Indonésia (26), Nigéria (26), França (23), Equador (22), Alemanha (22), Quênia (19), Coreia do Sul (19), Chile (18).

Os números: vede um pouco a quantidade, tendo em conta também os anos. Gostaria de chamar à atenção que neste momento o número é um pouco inferior ao ano de 2016. De qualquer forma, a projeção até 31 de dezembro, ainda não chegámos lá, mas já fizemos uma previsão, tendo em

conta os números de 30 de novembro, pode estar por volta de 1862 abandonos. Estes são os números que nós gerimos, a nossa Congregação. Depois, dir-vos-ei outro número. Portanto, como se diz às vezes e se escreve que são 3000, de todo que não. Vede: estamos por volta dos 1862 que são demais, como veremos depois.

A tipologia de saídas até 30 de novembro de 2020. Demissão *ipso facto*: (67), confirmação do Decreto de demissão (206), Incardinação *ad experimentum* (122), Incardinação *pure et simpliciter* (144), dispensa dos votos, aqui entram o masculino e o feminino (1180). A mim, pessoalmente, chama-me a atenção o número de confirmação do Decreto de demissão, portanto, as demissões, e também as demissões *ipso facto* que, então, são praticamente 300. Estas duas têm aumentado muito nos últimos anos e, concretamente, neste ano. Vê-se que o Motu proprio *Communis Vita* do Papa Francisco está também a dar resultado.

As Nações. Quais são as nações onde existem mais abandonos? Aqui não contemplamos todas porque seria impossível, mas as principais. Vejam a Índia, é o primeiro país dos abandonos (204), depois vem o Brasil, México, Itália, Polónia, Filipinas, Colômbia, Espanha, Perú, USA, Argentina, República Dominicana, Indonésia, etc. Posso dizer-vos também que, tendo em conta os dados de outros anos, praticamente a posição dos países permanece igual.

Dispensas das ordens sacerdotais dados aos religiosos

(de 1 de janeiro a 9 de dezembro de 2020)

- Brasil (35), Polónia (34), Índia (27), Colômbia (21), Espanha (21), Itália (19), USA (19), México (18), Indonésia (16), Perú (12), Filipinas (10), Argentina (9), outros (112), TOTAL (353).

Ainda há um outro lado que precisamos de ter presente: são as dispensas das ordens sacerdotais dadas aos religiosos e disto trata a Congregação para o Clero. Eu recebi ainda esta manhã os dados. Devo dizer que estes não estão contidos no total que vos apresentei primeiramente, porque estes dados são tratados diretamente pela Congregação para o Clero e comporta a dispensa das ordens sacerdotal ou diaconal. E como vedes, este ano estamos em 353. Alguns repetem-se porque existe uma convenção entre as duas Congregações onde, por vezes, quando se pede a dispensa dos votos, nós avaliamos, depois de ouvidos os superiores maiores, que as causas são muito graves que só licitamos diretamente à Congregação para o Clero também a dispensa do sacerdócio ou diaconado. Mas os números são mais ou menos estes.

Causas dos abandonos

Falta de vida espiritual (falta de oração pessoal, ausência de oração comunitária, superficialidade na vida sacramental, acentuação da atividade).

Perda do sentido de pertença:

- Desafeição (à comunidade local, ao Instituto, à Igreja, fraca participação nos momentos comunitários e nas iniciativas da comunidade, desequilíbrio entre as exigências comunitárias e as pessoais);
- A comunidade serve apenas para satisfazer as próprias necessidades de alojamento, recurso financeiro, apoio jurídico);
- Afastamento da comunidade (assistência prolongada aos pais).

Problemas afetivos (vasto panorama):

- Enamoramento (matrimónio);
- Violação do voto de castidade (atos heterossexuais ou homossexuais);
- Os problemas afetivos repercutem-se na vida comunitária (conflitos relacionais a vários níveis).

Causas dos abandonos. Dos dados que temos, a primeira causa repete-se há anos: a falta de vida espiritual que depois se manifesta em falta de oração pessoal, ausência de oração comunitária, superficialidade na vida sacramental, acentuação da atividade.

A segunda causa: perda do sentido de pertença. Aqui tem muito a ver com a vida fraterna em comunidade. E aqui temos a desafeição à comunidade local, ao Instituto, à Igreja, fraca participação nos momentos comunitários e nas iniciativas da comunidade; e depois um certo desequilíbrio entre as exigências comunitárias e as pessoais. Nestes casos, muitas vezes a comunidade é vista apenas como instrumento para satisfazer as próprias necessidades de alojamento (é um hotel, um restaurante), recurso económico, apoio jurídico. Finalmente há o afastamento da comunidade que teve na génese do *Motu proprio* que já referi do Santo Padre; por vezes este afastamento é ilegítimo e por isso motivo de dispensas, mas por vezes justifica-se como, por exemplo, na assistência prolongada aos pais. E isto está em aumento e diria que atinge também a vida contemplativa. E este afastamento se é prolongado leva, por fim, à desafeição da comunidade.

Terceira causa: os problemas afetivos. E aqui pode-se falar de tudo e mais alguma coisa. Enumero alguns elementos: enamoramento que termina no matrimónio, a violação do voto de castidade que não termina necessariamente no matrimónio e, nem sequer num primeiro momento, no abandono, mas que paulatinamente leva ao abandono. E aqui devem referir-se os atos heterossexuais e os atos homossexuais. E ainda os problemas afetivos que se repercutem na vida comunitária. Há quem diga que 99% dos problemas da vida comunitária são problemas afetivos, não sexuais; portanto, problemas de relação, conflitos relacionais a vários níveis.

Os resultados provenientes de algumas pesquisas

- *A motivação principal para os abandonos*: a falta de uma autêntica vida espiritual.
- *Procurando uma explicação para as causas dos abandonos*: avaliação da sociedade donde provêm os jovens, a avaliação dos Institutos que acolhem os jovens.

Quanto a esta ordem que apresentei, alguns poderão dizer que isto não está escrito. É verdade: não é o que dizem exatamente os documentos. Aquilo que habitualmente dizem é que o primeiro motivo está no enamoramento ou em problemas afetivos. Porém, quando se lê com atenção os relatórios que chegam à Cúria Geral ou ao nosso Dicastério repara-se que tudo isto encontra frequentemente um precedente, que começa – volto a dizer – com problemas de espiritualidade ou de vida espiritual e problemas também de relação, que têm que ver com a vida fraterna em comunidade. Vendo algumas pesquisas, posso dizer-vos que aquilo que vos disse antes vem confirmado também nestes estudos.

Procurando uma explicação

A sociedade de proveniência

- A pós-modernidade, um mundo em profunda transformação: mudanças culturais; complexidade, pluralidade de modelos de vida e comportamentais (desorientação – incerteza – dúvida, falta de referências claras, sobrevalorização do imediato e das emoções, dificuldade em distinguir o essencial do secundário); tempo mercantilizado, tudo é medido pela utilidade e o proveito; zapping – multitasking; mentalidade superficial; subjetivismo dominante – individualismo.
- Os jovens que batem à nossa porta: subjetivismo, dificuldade em colocar perguntas fundamentais; cultura part-time: assustam-se diante de escolhas para toda a vida; condicionamentos: a família – grupo de amigos; neutralidade axiológica (não há uma escala hierárquica de valores); cultura do provisório – light.
- Prof. Rulla: incongruências psíquicas centrais; o elemento vocacional – elemento funcional.

Os Institutos que recebem os jovens

- Emergência institucional: os jovens atuais (sobrecarregados de trabalho, fragilidade psicológica, incompreensões); a crise acontece pelo conjunto dos elementos anteriores: abandono da oração – sacramentos – vida fraterna, enfraquecimento das motivações vocacionais, falta de comunicação – solicitude, falta de testemunhos fortes do Carisma institucionalizado.

Procurando uma explicação para os abandonos. Primeiro: a sociedade de proveniência dos nossos jovens. Não estou a descrever-vos a sociedade de proveniência, porque certamente seria uma descrição muitíssimo parcial. Claro que aqui não se indicam os valores da sociedade atual porque estamos a falar das causas que podem explicar os abandonos, por isso, indicamos apenas os elementos negativos da pós-modernidade, um mundo em profunda transformação; mudanças culturais; complexidade, pluralidade de modelos de vida e comportamentais (desorientação –

incerteza – dúvida, falta de referências claras, sobrevalorização do imediato e nas emoções, dificuldade em distinguir o essencial do secundário; tempo mercantilizado em que tudo é medido pela utilidade e o proveito; zapping; a mentalidade superficial; e o subjetivismo.

Ora, os jovens que nos chegam e batem à nossa porta e são filhos desta cultura e, por isso, muitos deles são também vítimas do subjetivismo, a dificuldade em colocar perguntas transcendentais, a cultura part-time. Vem-me à mente, o Papa conta-o neste livro, a entrevista que foi publicada há dois anos, e publicada em tantas línguas, talvez já o tenhais lido, onde um jovem, quando ele era Arcebispo de Buenos Aires, se dirige a ele para dizer que queria ser sacerdote. “Muito Bem!”. “Ah! Mas só por 10 anos”. Então o próprio Santo Padre dizia que isso não podia ser, mas vede que este part-time está hoje na moda. E, por isso, também os nossos jovens vivem nesta cultura. Depois são condicionados pela família; eu, pessoalmente, penso que a grande crise não está na vida consagrada, poderei também dizer, sacerdotal; é uma questão pessoal: a grande crise está nas famílias. Diz-se, por vezes, que é um milagre que em certos modelos de família pode advir vocações. O grupo de amigos e, depois, a cultura do provisório ou light.

Procurando por uma explicação, devemos perguntarmo-nos: e nós, vida consagrada que acolhemos, como somos, os institutos que acolhem os jovens. Atenção a estes sintomas que não são meus, mas muitos falam deles: a emergência institucional; estamos a viver, muitas vezes, uma verdadeira emergência: quantas mais vocações melhor. Isto não está bem. Vem-me à mente o n. 38 de um documento elaborado pelo nosso Dicastério há algum tempo, *Caminhar e partir de novo de Cristo*, onde se diz: não podemos deixar-nos tentar, não podemos ceder à tentação do número da eficácia, se não o discernimento, no fim, será feito em função do número e da emergência institucional.

Os abandonos questionam a formação

- *Vs. Cultura do provisório*: a formação deve favorecer uma identidade segura e madura (não fossilizada nem dominada pelas modas, capaz de escolhas definitivas, livres, irrevogáveis, construída a partir da própria história de vida), caminho personalizado (duração variável).
- *Modelo de Igreja*: uma Igreja «pequeno resto», a vida consagrada não está mais no centro da vida social, é chamada à «menoridade», sem privilégios – mas serviço, primado de Deus (Bento XVI), espiritualidade incarnada.

Os abandonos, como já foi dito pelo nosso Prefeito, questionam a formação. E a formação deve favorecer uma identidade segura e madura, portanto, uma identidade não fossilizada. Volto a salientar o dizer do Papa sobre a memória, não uma memória de arqueologia. Hoje há uma tentação nisto: termina frequentemente no fundamentalismo. E termina na deriva sectária. Atenção à identidade fossilizada. Atenção a uma identidade dominada pelas modas. Aqui gosto sempre de citar um dito que aprendi no Oriente: casa-te com a moda e depressa te tornarás viúvo. Nem uma identidade fossilizada nem uma resposta pronta à moda. Depois, devemos ter em conta que a nossa cultura não ajuda a uma escolha definitiva, por isso, a formação deve ser capaz de ajudar escolhas definitivas, livres e irrevogáveis. Claro que é andar contra a corrente, mas isso já

o sabemos. Deve, depois, garantir um caminho personalizado, de duração variável, sem medo nem pressas. Aqui gostaria de deixar uma palavrinha às contemplativas: caríssimas irmãs contemplativas; porque no último documento do nosso Dicastério para a Igreja que foi aprovado pelo Santo Padre, prolongou-se o *iter* formativo. Não tenham medo de prolongar o *iter* formativo. Atenção à diminuição dos tempos; diminuir na vida e na formação nunca é bom.

Depois, influencia o modelo de Igreja e nós devemos formar para uma Igreja que é um «pequeno resto», devemos formar também para uma visão da vida consagrada na Igreja que não está mais no centro da vida social, nem mesmo a Igreja, por isso, tudo isto chama-nos à menoridade, a acolher a menoridade, também sobre isto o Papa Bento XVI, pouco depois de ter renunciado, insistia a todos nós, os consagrados, sobre a escolha da menoridade; depois, sem privilégios, mas ao serviço, é primado de Deus, é espiritualidade incarnada. Sobre isto, o Papa Francisco insiste constantemente: uma espiritual que nos torne ao mesmo tempo filho de Deus do céu e filho da terra, profetas e místicos, testemunhas e missionários.

Cuidado pastoral das vocações

Proposta vocacional explícita

- Honesta: que mostre interesse pelo estado da Vida Consagrada;
- Exigente: que exija a fidelidade na observância das Constituições;
- Qualidade: sem pressas nem obsessão pelo número;
- Testemunho autêntico: dos formadores e dos membros da comunidade.

Aqui devemos prestar muita atenção ao cuidado pastoral das vocações. E volto a dizer: não é o número que salvará a vida consagrada, mas o significado evangélico. E, por isso, a proposta vocacional deve ser honesta. Que os jovens não pressintam – pois eles têm esperteza para isso – que o que nós procuramos é o número. Devemos ser exigentes. O Papa Francisco recorda-nos muitas vezes e fê-lo de modo particular na Carta que escreveu a todos os Consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada. O Evangelho é exigente. Mas atenção: não rígido, nunca a rigidez. Sim à exigência evangélica, depois a qualidade; e, finalmente, recordar que a promoção vocacional eficaz é aquela «Vinde e Vede!», o testemunho.

Formação inicial

Formação à responsabilidade

- Reconhecer os próprios direitos, mas também os deveres;
- Amar a vida fraterna em comunidade;
- Vida sóbria e essencial – radicalidade evangélica;
- Espiritualidade forte – estar à procura de Deus

Depois, na formação inicial deve-se formar para a responsabilidade. E isto deverá levar os nossos formandos a reconhecer os próprios direitos, mas também os deveres, devemos levá-los a amar a vida fraterna em comunidade, e aqui direi: menos poesia sobre a vida fraterna em comunidade, mais realismo, mas mostrar a beleza da vida fraterna em comunidade, também os votos.

Devemos mostrar a beleza dos votos, mas ao mesmo tempo as exigências. Depois, uma vida sóbria com o essencial que prometerá o futuro da pobreza, um sinal próprio que não pode ter tudo, já e imediatamente. Caso contrário, professar a pobreza significará muito pouco. Portanto: vida sóbria com o essencial, radicalidade evangélica e depois uma espiritualidade forte. Eu creio que uma espiritualidade forte deve fundamentar-se primeiramente na Escritura, a Palavra; depois os sacramentos, sobretudo a Eucaristia e a Reconciliação. Depois, nos textos fundadores de cada um e na devoção autêntica a Maria, acolhendo-a como Mãe e Mestre, não uma devoção simplesmente sentimental.

Formação inicial

O método

- Atenção à pessoa singular;
- Superar a formação homologada, igual para todos;
- Escolha adequada dos formadores (amem os jovens, o próprio instituto, o carisma, a Igreja);
- Preparação adequada dos formadores (humana, espiritual, carismática, intelectual, pastoral);
- Ministério «prioritário» e não mestres em part-time (presença, proximidade, escuta, partilha).

O método. Deverá ser personalizado, dando atenção à pessoa singular, superar a formação homologada, igual para todos, atenção a cada um. Escolha adequada dos formadores. Aqui indico as quatro características que o Papa Francisco indicou diversas vezes: que amem os jovens (um formador que ame pode exigir, se não ama não pode, não deve exigir nada, deve antes renunciar o mais depressa possível), depois que amem o próprio instituto (que tenham o mínimo de sentido de pertença ao próprio instituto). Depois, que amem o carisma e depois que amem a Igreja, não a Igreja ideológica, mas a real, composta de santos e pecadores; que amem o Pedro de hoje, antigamente Pedro era Bento, antes dele João Paulo, o próximo não sabemos como se chamará; hoje Pedro é Francisco, e isto deve ser muito claro na formação inicial. Ainda uma formação adequada dos formadores: humana, sobretudo humana, espiritual, carismática, intelectual, pastoral; depois, os formadores devem perceber que mesmo que tenham só um, que o seu ministério «prioritário» é a formação, não se pode ser formador em part-time. Isto exige presença, proximidade, escuta, partilha.

Formação inicial

Fé

- Personalizada – não apenas herdada;
- Professada e testemunhada.

Afetividade sexual

- Preparada para ler a história pessoal e familiar;
- Aceitação da diversidade dos outros;
- Capacidade de amar e deixar-se amar.

A formação inicial deverá incidir muito sobre a fé e sobre a afetividade sexual e a sexualidade. Atenção que isto não pode continuar a ser tabu como ainda se vê em muitos institutos.

Nos primeiros anos de vida consagrada

- Atenção às crises de realismo – desencanto (comunicação dos próprios sentimentos);
- Atenção à sobrecarga de trabalho e responsabilidade (leva ao ativismo, descarta os aspetos essenciais da vida consagrada);
- Atenção ao acompanhamento personalizado (não só o formador, mas toda a comunidade deve saber garantir um acompanhamento adequado);
- Todos os membros devem saber viver o próprio Carisma com autenticidade.

Depois, nos primeiros anos de vida consagrada, atenção à crise de realismo, ao desencanto; é aqui que se joga muito a perseverança. Atenção ao sobrecarregar os nossos jovens de trabalho e responsabilidade, porque isto irá levá-los ao ativismo e, depois de alguns anos, irão cansar-se e vão embora; e aqui é necessário prestar muita atenção ao acompanhamento personalizado; não só da parte do formador mas de toda a comunidade, devem saber viver o próprio Carisma com autenticidade. E então, todos os membros da comunidade serão formadores. Na comunidade só existem dois tipos de religiosos consagrados: ou formadores ou deformadores.

Será possível ser fiel para sempre?

A alegria da fidelidade é possível

- A experiência de Deus no centro da vida;
- Comunhão com os outros no dom de si;
- Preferir a qualidade da vida evangélica às preocupações (número de membros – manutenção das obras);
- Radicalidade evangélica e discernimento na pastoral vocacional;
- Acompanhamento personalizado e adequado da parte dos formadores e dos membros da comunidade.

Será possível ser fiel para sempre? Basta ver tantos consagrados que vivem com alegria a sua perseverança. Gostaria apenas de dizer que a perseverança é possível. E isto o demonstra as tantas árvores que se mantêm de pé. Como se diz frequentemente: uma árvore que cai faz mais barulho do que um bosque que cresce em silêncio. Vejamos este testemunho de verdadeira perseverança e certamente temos sobretudo presente os exemplos de perseverança como cada um de nós tem no próprio Instituto, mas sobretudo como contemplámos há pouco dias atrás em Maria:

A Maria nossa mãe

Confiamos todos os consagrados

e as consagradas

para que perseverem

na alegria da vocação recebida.

Obrigado.

E sempre para a frente!

Hoje o profeta Isaías dizia-nos uma duas vezes na primeira leitura:

«Não tenhas medo, Eu mesmo te ajudarei!».

Intervenção na apresentação
das Orientações da CIVCSVA
no Auditório *Antonianum* em Roma
a 10 de dezembro de 2020

Tradução a partir da intervenção oral
em www.youtube.com/watch?v=bhODPziHM5s:

Ismael Marta

Revisão do texto: Manuel Barbosa

Nota:

*O texto mantém o carácter de oralidade,
pois o discurso oral (não escrito) foi desenvolvendo
os esquemas que se encontram nos quadros*